

FAREWELL: O ÚLTIMO CANTO DO POETA CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Luciana Bessa Silva

(Universidade Federal do Ceará)

(bessaluciana@hotmail.com)

Resumo:

O poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) sempre travou uma luta inglória com as palavras. Consciente de seu duro ofício de se exprimir, rechaçou veementemente as glórias fáceis, principalmente, acerca da poesia da qual afirmava ser um negócio de grande responsabilidade. Por isso, o homem-poeta-artista, à maneira do ourives, torceu, alteou, lapidou e burilou a poesia (palavra). Como nascer e morrer pertencem igualmente à mesma moeda, é chegada a hora de conhecer o lado misterioso, obscuro e mais triste da vida – o da despedida. Para tanto, o poeta deixou-nos registrado em **Farewell** (1996), seu ‘último canto’, sua última autoanálise e confissão, uma espécie de prestação de contas de sua vida literária, uma retrospectiva de sua *gaucherie*. A obra trata de verdades, tristezas, pessimismo, dor, sofrimento, amores doridos, reflexões, invocações, sonhos, saudades, mutilação do corpo e da alma. Em seu canto (para usar trocadilho comum ao poeta), um ninho prosaico, em Ipanema, Rio de Janeiro, uma Parker 51 e de muitas folhas em branco, o Midas da poesia registrou suas venturas com sabor de desventuras, em uma multiplicidade de temas: o amor, a família, a terra natal, a saudade, morte, o humor, o trágico, o pessimismo, o efêmero, o *gauche*. Nossa pesquisa objetiva refletir sobre a temática do tempo e da morte a partir de **Farewell**. Para tanto, recorreremos dos estudos teóricos de críticos como Silvano Santiago, Marlene de Castro Correia, Affonso Romano de Sant’Anna, Guilherme Merquior, Gilberto Mendonça Teles, Carlos Augusto Viana, Linhares Filho, dentre outros. Adotaremos o método interpretativo ou hermenêutico, a partir do intrínseco literário, estabelecendo, ainda, uma relação intratextual com outras obras do autor. **Farewell**, com os temas e as dores do passado, é a obra de despedida de que viveu e morreu com o sentimento *gauche*.

Palavras-chaves: *Farewell*, Tempo, Morte.

Introdução

É um trabalho árduo, sobretudo satisfatório render tributos a um escritor em posição privilegiada dentro e fora da Literatura Brasileira. Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) é um desses raros poetas que nascem de tempos em tempos e tal como um Camões ou um Fernando Pessoa consegue traduzir as incertezas, o medo, o amor à terra natal, o cotidiano, o lirismo e, sobretudo, o fazer poético de uma época tão conturbada como foi o século XX, denominada pelo historiador Eric Hobsbawn como *a era dos extremos*. Sua vasta obra,

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

interpretada e analisada exaustivamente pela crítica é prova que sua poesia conseguiu refletir as inquietações de seu tempo.

O poema foi para Drummond primazia: da declaração do amor à reflexão sobre o mundo ameaçado pela tecnologia; da nostalgia da terra à lembrança dos poucos amigos; do medo dos monstros cultivados na infância à ironia das convenções sociais; da saudade da mãe à indignação provocada pela injustiça social; do encanto das primeiras leituras ao protesto pela desordem do mundo.

Inúmeras, portanto, são as marcas que correm a obra de Drummond. Dentre elas podemos citar: a ironia, o humor, o cotidiano, o efêmero, o trágico, o pessimismo, a família, a terra natal, o social, morte, o próprio fazer poético e, entre muitas outras, o amor.

Sua vasta obra inicia-se com a publicação de **Alguma Poesia** (1930) no auge do movimento modernista. É composta por quarenta e nove poemas cuja essência é a linguagem coloquial, ironia, humor, micro poemas e o poema-piada. O prosaísmo da obra denota uma expressão autêntica do poeta, que transcende o tempo e o espaço e atinge a universalidade.

Em 1996, o poeta com um sorriso maroto tal qual expresso em sua crônica “Ciao” (1984) despede-se, ou melhor, liberta-se da vida "O pássaro é livre /na prisão do ar./ O espírito é livre/ na prisão do corpo. /Mas livre, bem livre/é mesmo estar morto" (OC, 2002, p. 418).

Essa despedida-libertação está registrada na obra **Farewell** (1996), com quarenta e nove poema, tal como sua obra de estreia, é o seu canto final, sua última confissão, uma espécie de prestação de contas de sua vida literária, através das temáticas recorrentes em sua poética, sobretudo, a morte, uma retrospectiva de sua *gaucherie*¹.

A obra é um catálogo, em que todos os textos, com exceção do primeiro encontram-se em ordem alfabética, versam sobre o tempo, o enigma, o amor, o corpo, o sofrimento, a questão terra-família, a saudade, a morte, a criança, as artes, a criação de personagens, temas já abordados em obras anteriores. No entanto, aqui estão, revestidos de uma aura de maturidade e de tonalidade mais sombria.

1. O *gauche* é a personalidade artística que Carlos Drummond de Andrade criou para si. *Gauche*: Se diz da parte do corpo situada do lado esquerdo do peito (por oposição à direita). A mão esquerda, o olho esquerdo. 2. Se diz, fora uma coisa orientada (curso d' água, prédio etc.: O lado esquerdo do Sena, a Ala esquerda do castelo) 3. dito, para um coisa não orientada, da parte que faz face ao lado esquerdo daquele que olha: o lado esquerdo de um quadro, Escrever da esquerda para direita.

Nesse sentido, esse trabalho consiste em refletir sobre a temática do tempo e da morte a partir de **Farewell**. Poeta, contista, cronista e crítico literário, a obra drummondiana é rica e versátil, seja do ponto de vista formal, seja do ponto de vista conteudista: passando por suas próprias dores, pelos amores perdidos, pela morte do leiteiro, pelas grandes guerras etc

Em suma, **Farewell** (1996) é a revitalização do velho na busca do novo; alcançado, porque o poeta é um (re) criador, um ordenador de estruturas, um arranjador de palavras, um artesão que transforma o lugar-comum em arte.

Metodologia

Por seus vínculos intertextuais e intratextuais, o texto é uma entidade complexa. Valeremos dos pressupostos teóricos da Literatura Comparada, da professora Tânia Carvalhal (2006) para quem a comparação é um recurso que coloca lado a lado elementos similares e/ou díspares.

Como se trata de pesquisa bibliográfica, usaremos como teóricos Silviano Santiago, Marlene de Castro Correia, Affonso Romano de Sant'Anna, Guilherme Merquior, Gilberto Mendonça Teles, Carlos Augusto Viana, Linhares Filho, além do próprio poeta.

Partindo da assertiva de Umberto Eco de que “a obra é aberta”, adotaremos o método interpretativo ou hermenêutico em sentido amplo e em sentido restrito, este dentro dos parâmetros do existencialismo ontológico e privilegiaremos o intrínseco literário. Segundo Eduardo Portella, “a hermenêutica não fala pelo texto, deixa que o texto fale” (PORTELLA, (1981, p.53-54). Ficaremos atenta, ainda, aos aspectos biográficos, históricos e estilísticos, bem como à questão da intertextualidade e do “entre-texto” , na acepção do mencionado teórico.

Resultados e Discussão

“Malvindo”, última personagem criada pelo poeta, é o anúncio de que seu corpo e alma começam a desligar-se; é o prenúncio de que a partida se aproxima. **Farewell** (1996) exala o perfume e o gosto da morte. A essência começa a apagar-se. A luz, com a morte, é substituída pelas trevas. A noite toma o lugar do dia. A alegria cede lugar para a tristeza.

Primeiramente, os familiares partiram. Em seguida, os amigos, como no poema “A Um Ausente” (F, pp.41-42). Só, então, o poeta se conscientiza de que o tempo é impreciso. Sinto

que o tempo sobre mim abate / sua mão pesada. Rugas, dentes, calva...” (“Versos à Boca da Noite”, 2002, OC, 192). O tempo transforma-se em um inimigo cruel que deforma o corpo do poeta. Seu retrato “gauche”, “forte”, de “ferro” começa a se decompor. Dessa forma, a morte se incorporou a essa poética. E, com aquela, passou a conviver, sem aceitá-la: “Dentaduras duplas / Inda não sou bem velho / para merecer-vos” (“Dentaduras Duplas” OC, 2002, p.81), embora sabedor dela “Acordo para a morte” ... “Vou morrer” (“Morte no Avião” OC, 2002, p.176). A morte começa a devorar a vida. Resta-lhe aprender a conviver com tudo aquilo que ela lhe tira: familiares, amigos, amor e memória. Esse aprendizado torna o poeta mais maduro, tanto ao aceitá-la, quanto no aspecto literário. Visto desse ângulo, não há perda para o poeta, pelo contrário, há ganho. Todavia, o poeta tece, sobre ela, inúmeras especulações:

Quanto vale o homem?

(...)

Vale menos morto?

Como morre o homem,
como começa a ?”

(...)

Se morte é fome
que a si mesmo come?

(...)

Quando dorme, morre?

Quando morre, morre?

(...)

Morre, sonha o homem?

(...)

Por que morre o homem?

(“Especulações em Torno da Palavra Homem” OC, 2002, pp. 428-431).

Drummond interroga a si, na tentativa de resolver um dilema estabelecido pela própria natureza – a condição humana. Esta assume, aqui, um tom dramático e trágico. A própria morte traz, em si, a grandiosidade e a tragicidade.

Estamos no momento mais maduro do poeta Carlos Drummond de Andrade com **Farewell** (1996); amadurecimento de obra e vida, também o de sua morte. No poema impressionista “A Queda” (*F*, p. 91), o anúncio de que “A tarde, a triste tarde caiu” (...) “numa antecipação de morte sem dor”.

Notamos, pelo entrelaçamento Natureza x Morte, a aceitação sem culpa, sem medo, sem receios, de uma etapa rotineira da vida. A morte, consciência do fim, de uma vida *gauche*, e o poeta, um “predestinado / ao prêmio excelso de exalar-se”, em “Sono Limpo” (*F*, p. 98).

Ao contrário de **Sentimento de Mundo** (1940), em que a morte era sinônimo de destruição, em **Farewell** (1996) é sinônimo de “Liberdade” (*F*, p. 70) – “livre, bem livre / é mesmo estar morto”. A morte passa a ser a passagem desejada. Ela representa o fim de uma diferença, o fim de sua condição prisioneira.

Perpassa por todos os temas presentes, o sofrimento, condição necessária ao modo de ser *gauche*. Enquanto a morte é a condição para a existência da poesia de Manuel Bandeira, o sofrimento é a metáfora da vida para o artista *gauche*, que a traduziu por “Verbos” (*F*, p. 102) “Sofrer é outro nome do ato de viver”. Outros verbos, no poema, sugerem sofrimento, como uma contradição em si “amar”, “rir”, “esquecer”. Ante tal constatação, surgem os questionamentos: “Como acordar sem sofrimento/ Recomeçar sem horror?” (...) Como proteger-me das feridas / que rasga em mim o acontecimento?”, mas “Ninguém responde, a vida é pétrea”. (“Acordar, Viver *F*, p. 16).

Diante de todos esses acontecimentos, o poeta assume a condição de um “enterrado vivo”. Sempre ausente de si mesmo, sempre em seu limite, ele resolve enumerar os desencantos sofridos ao longo de uma existência marcada pela dor. São “velhos amores incompletos”, “velhos furores demenciais”, “velhas traições a doer sempre”, “velhas jogadas de prazer”, “velhos signos de santidade”, “velhos gozos de torva índole”, “velhas volúpias estagnadas”, “velhos braços e mãos e pés”, “velhos issos e aquilos”, que o poeta conclui afirmando não mais se lembrar (“Enumeração” *F*, 58). A repetição do vocábulo ‘velho’ (omitido no poema em “A Carne Envilecida”) é alusão, através da memória, a um passado sombrio, é a conscientização da perda da mocidade.

Finalizamos a análise da obra supracitada pelo poema escolhido para conduzir a leitura até “Unidade” (*F*, p.13), cujo título deve ser compreendido a partir de duas acepções. A primeira diz respeito à união da maturidade à juventude, ou seja, as obras **Farewell** e **Alguma Poesia**, a segunda retoma o tema da “unidade do mundo” recorrente em sua obra. Pode-se afirmar, outrossim, que o poeta que se auto confessou *gauche*, no primeiro poema de sua obra de estreia, diz adeus em **Farewell**, com um poema da mesma temática, principalmente, pelo fato de todos os outros poemas estarem em ordem alfabética, e “Unidade” ser o único que se encontra deslocado dos demais, como um poema “ex-cêntrico”, como seu autor o foi em “Os Excêntricos” (OC, 2002, pp. 890-891).

O tema desse poema “Unidade” (F, p. 13), não é outro senão a dor, o sofrimento – traço que une os seres do mundo, que lemos no primeiro verso: “As plantas sofrem como nós sofremos”. No dístico seguinte, há o questionamento “Por que não sofreriam / se esta é a chave da unidade do mundo?”. O pensamento do poeta corrobora as reflexões do filósofo Artur de Schopenhauer, quando este afirma que “Todo o desejo nasce duma necessidade, duma privação, duma dor” (1958, p. 87).

“Elegia a um Tucano Morto” (F, p. 56) é dedicado “Ao Pedro”, possivelmente, seu neto, Pedro Augusto. A escolha do gênero poético, a elegia, segundo Massaud Moisés, “Nesse caso, a elegia equivaleria a *treno* ou *trenodia*, canto plangente em honra aos mortos” (1974, p. 372-375). O poema é, sobretudo, o fechamento do ciclo do sofrimento: homens, plantas e, agora, animais: “a chave da união do mundo”, registrado “no caderno de frustrações desse mundo”.

Essa unidade (o tempo, a questão terra x família, a saudade, o enigma, o fazer poético, o amor, o corpo, a morte, as artes, o sofrimento, a criação de personagens, as crianças, temas trabalhados desde sua obra de estreia chega ao seu canto final mais intensificada pela dor de viver.

O poeta se valeu da memória, das realizações e das frustrações, para compor sua última canção, imitando o companheiro Pedro Nava que declarou que escrever “memórias é um ajuste de contas do eu com o eu” (1979, p. 198).

E, com este eu, e com outros que inventou, aprimorou sua poesia, criou algumas palavras e conferiu à Literatura um charme *gauche*. O poeta escreve **Farewell** para dizer adeus, com os mesmos temas do passado, com a dor sentida de ontem, porque a morte próxima virá e a liberdade dos sentimentos do mundo.

Os versos drummondianos foram concebidos, segundo o próprio poeta, para cantar sua vida e trabalhos. Eles seriam a sua consolação, sua cachaça e seu vício. Sobretudo seus versos não foram engendrados para agradar ao público, mas, talvez, ao próprio poeta. Eis, aqui, sua “Explicação” (OC, 2002 pp. 36-37) “Se meu verso não deu certo, foi seu ouvido que entortou. / Eu não disse ao senhor que não sou senão poeta?”.

O poeta *gauche* Carlos Drummond de Andrade foi um lutador que fez da palavra sua arma e seu escudo. Através dela confessou suas dores, atacou o mundo caduco e dele se protegeu.

Conclusões

Na década de 80, a mão pesada do tempo começa a se abater sobre o poeta que viveu entre o mundo e a arte, de forma *gauche*. O seu futuro, anunciado por um “anjo torto” indicava, também, para obstáculos e desencontros. Seu obstáculo mais famoso foi “uma pedra no meio do caminho”. Em seguida, surgiram claros enigmas. *Gauche*, tímido, autocrítico, complexo, meditativo, anticonvencional, erótico, solitário, realista, intimista, sensível, ressentido, revolucionário, pessimista, contraditório, agnóstico, múltiplo, irônico, retorcido, sentimental, fatalmente humano, recluso em seu canto, dividido entre a cidade e a roça, descontente com sua “vida besta”, sempre foi um lutador.

A vida desse itabirano é uma luta constante. Seu fazer poético, mesclado de pensamentos reflexivos, filosóficos, dramáticos, trágicos, o transformou em uma figura emblemática de sua geração. A sua produção poética é o reflexo do cotidiano por ele vivido: bondes perdidos, amores inúteis, medos, corações (ora maiores que o mundo, ora menores), festas no brejo, músicas, explicações, romarias, girassóis, namoradas mineiras, convites tristes, segredos, lembranças do mundo antigo, rostos imóveis, mãos sujas, assaltos, desfiles, equívocos, aspirações, raptos, chamados, aniversários, episódios bons ou ruins que o dia a dia do poeta Carlos Drummond de Andrade, que influenciou jovens poetas que viveram depois, e permanece inquietando leitores e críticos de gerações posteriores.

Todos os poemas presentes nessa obra estão revestidos pelo mesmo tom de beleza sombria, pela mesma erudição e requinte, pelo o mesmo poder de sedução, envoltos em imagens cheias de mistério.

Irreverente e debochado em **Alguma Poesia** (1930), o poeta atinge em **Farewell** (1996), o que Sartre chamou de a “idade da razão”. Com os mesmos sintomas do início de sua carreira literária, melancolia, dor e pessimismo, Drummond resignadamente nos diz “farewell”.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro. Ed. Nova Aguilar, 2002.

_____. **Farewell**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARBOSA, Rita de Cássia. **Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **Literatura comentada**: Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

CANDIDO, Antonio. Inquietações na Poesia de Drummond. In: **Vários escritos**. São Paulo: Livraria das Duas Cidades, 1970.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2006. Série Princípios

CORREIA, Marlene de Castro. **Drummond**: A magia lúdica. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2002.

LINHARES FILHO. **O amor e outros aspectos em Drummond**: Editora UFC, 2002.

LIMA, Luiz Costa. **Lira e antilira** (*Mário, Drummond, Cabral*). Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1968.

MARTINS, Hélcio. **A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. - São Paulo: Cultrix, 1974.

NAVA, Pedro. **Beira-Mar**. (Memórias 4). 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

PORTELLA, Eduardo. **Fundamento da investigação literária**. Editora: Tempo brasileiro, 1981.

SANTIAGO, Silviano. **Carlos Drummond de Andrade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. Posfácio. In: ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. **Farewell**. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SANT' ANNA, Afonso Romano de. **Drummond o gauche no tempo**. Rio de Janeiro: Lia Edit. e Instituto Nacional do livro, 1972.

_____. "O Erotismo nos Deixa Gauche?" In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **O Amor Natural**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SCHOPENHAEUER, Artur. **Dores do mundo**. Trad. A F. Rocha. 2ª ed. Organização Simões Editora: Rio de Janeiro, 1958.

TELES, Gilberto Mendonça. **Drummond** – A estilística da repetição. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

VIANA, Carlos Augusto. **Drummond**: a insone arquitetura. Fortaleza: Editora UFC, 2003.